

Apresentação SOBRE ALMANAQUES

Este dossiê reúne parte dos textos apresentados no Seminário Internacional “Em torno do *Almanaque de Lembranças* e seus congêneres”, realizado na Biblioteca Nacional de Portugal, em 12 e 13 de julho de 2023, sob os auspícios do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL), da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (UL), e da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, da Universidade Estadual Paulista (Unesp). O evento contou com a colaboração de pesquisadores do Brasil e de Portugal, que abordaram, a partir de diferentes perspectivas teóricas, os múltiplos desafios que cercam a investigação de impressos desse gênero.

Cabe destacar que o Clepul possui a coleção completa do *Almanaque de Lembranças*, publicação longeva (1851-1932) que incorporou ao seu título os termos luso-brasileiro (1855) e, ainda, o adjetivo novo (1872). Sob a liderança da professora Vania Pinheiro Chaves (UL), o periódico tem sido objeto de diversos estudos, aos quais agora se adiciona o presente conjunto de artigos, fruto da colaboração entre pesquisadores dos dois lados do Atlântico. O seminário objetivou não apenas apresentar os resultados obtidos em relação ao *Almanaque*, lançado por Alexandre Magno de Castilho (1803-1860), mas também acolher reflexões acerca de outros títulos da mesma natureza.

A jornada pelo fascinante universo dos almanaques se inicia com o artigo, *Revisitando a literatura de almanaques: itinerâncias, performatividades, memória e tradição*, no qual Eliana de Freitas Dutra propõe instigante leitura dessa modalidade de impresso. Em diálogo com o conceito de arquivo, exposto por Jacques Derrida em *Mal de arquivo*, uma impressão freudiana, a pesquisadora propõe romper com a ideia de um “passado fixo”, associada a essa modalidade de arquivo, em vista do poder da tradição e da ação dos continuadores dessa tradição. Se, por um lado, a força arcôntica, que atravessa a ideia de arquivo, atua pela ordem e estabilidade, por outro, cabe ao pesquisador o trabalho de montagem e desmontagem do almanaque, no sentido de desestabilizar essa organização, na busca daquilo que está de fora: “os conflitos, a heterogeneidade, a desordem, a pluralidade, o devir”, nas palavras da autora, que teve a oportunidade de retomar reflexão

teórica desenvolvida acerca do *Almanaque Garnier* e que resultou no livro *Rebeldes Literários da República: História e Identidade Nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*, publicado pela editora da UFMG, em 2005.

Do Rio de Janeiro, a trajetória pelos almanaques brasileiros se encaminha para o Rio Grande do Sul, de onde procederam o *Almanaque da Vila de Porto Alegre*, o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e o *Almanaque Popular Brasileiro*, o primeiro objeto do artigo de Maria Eunice Moreira, em *Um trasmontano rude e fiel e seu Almanaque da Vila de Porto Alegre*, os dois outros, de Francisco das Neves Alves e Isabel Lousada, em *A presença de escritoras portuguesas nos almanaques rio-grandenses*. Ainda que o registro da memória se faça presente nas três obras, inúmeras diferenças particularizam os três projetos. O *Almanaque da Vila de Porto Alegre*, texto redigido de próprio punho pelo português Manoel Antônio de Magalhães, em 1808, estaria mais próximo de um relatório, dado os objetivos do autor em oferecer informações administrativas e econômicas sobre a capital da Província e do Rio Grande do Sul, endereçadas a dom Fernando José de Portugal. Ademais, a obra de Magalhães não trazia ilustrações, charadas, logogrifos, curiosidades, calendário, informações sobre o clima, dados estatísticos, conforme era prática dos almanaques. Ainda assim, é possível compreender o título que o escritor português deu à sua obra, segundo a autora do artigo, quando pensado à luz das palavras de Eça de Queirós, expostas no prefácio para o *Almanaque Enciclopédico de 1896*: “[...] o Almanaque contém essas verdades iniciais que a Humanidade necessita saber” e “cada povo que se organiza e se prepara para a História, imediatamente redige seu Almanaque, com o cuidado e a previsão com que traça as ruas da sua cidade.”

Já o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, que circulou entre 1889 e 1917, e o *Almanaque Popular Brasileiro*, editado em Pelotas, entre 1894 e 1909, foram publicações que garantiram espaço privilegiado para a presença de escritoras portuguesas em suas páginas. Ambos os periódicos visavam apresentar uma gama ampla de informações, trazendo textos de natureza histórica, biográfica e geográfica, entre outros assuntos, além de variada parte recreativa, representada por jogos, logogrifos e charadas. Entre as escritoras portuguesas que participaram das edições dos referidos almanaques do Rio Grande do Sul destacaram-se os nomes de Adelina Vieira, Albertina Paraíso, Alice Moderno, Cláudia de Campos, Maria Amália Vaz de Carvalho, colaboradoras que atuaram, quase todas, como professoras, poetas, tradutoras e diretoras de almanaques, caso de Albertina Paraíso, que dirigiu o *Almanaques das senhoras portuguesas e brasileiras* e o *Almanaque das senhoras portuenses*. As colaborações das escritoras portuguesas nos almanaques gaúchos estiveram em grande parte vinculadas

às composições poéticas, em particular poemas líricos, por meio dos quais o “eu” poético extravasava suas alegrias, dores e melancolias. Textos em prosa de autoras portuguesas, embora em menor número, também se fizeram presentes nos almanaques rio-grandenses, o tema do papel social da mulher na sociedade sendo a marca das colaborações de Maria Amália Vaz de Carvalho e de Cláudia de Campos. Ainda que a grande maioria dos colaboradores dos dois almanaques do Rio Grande do Sul fossem do sexo masculino, o artigo em pauta veio mostrar que as mulheres portuguesas não deixaram de marcar presença naquelas publicações, de forma a promover uma rede de conexões entre Brasil e Portugal, por intermédio da literatura, na perspectiva feminina.

Assim como o Rio Grande do Sul, o Paraná contou com número expressivo de almanaques, com destaque para aquele analisado por Marilene Weinhardt, em *O Almanach do Paraná e o desejo de fundar uma identidade*. Circulando entre 1896 e 1913, o almanaque paraense, sob a direção do político, escritor e historiador Romário Martins, tornou-se um agente do Paranismo, movimento que vinha ao encontro da intenção do periódico em colaborar para a criação de um *ethos* que singularizasse o modo de vida dos habitantes do estado e a economia da região. A obsessão pela pauta identitária não impediu o *Almanach do Paraná* de acolher poemas escritos por mulheres e textos que discutiam o papel da mulher na sociedade, muito embora pelo ângulo de torná-la mais culta para melhor criar os filhos. Nem por isso, foram poucas as anedotas de fundo machista publicadas no almanaque paraense, cujo projeto paranista foi dando lugar à publicação de gama variada de assuntos. No entanto, quando em 1904, o *Almanach do Paraná* publicou o que denominou “Calendário da Gravidez”, acompanhado de minuciosa tabela da época em que o parto deveria ocorrer, assim também como evitar a gravidez fora do casamento, a seção não demorou para sair de circulação, posto que assunto tão privado não deveria ser tratado por uma publicação a que toda a família tinha acesso.

Periódico que contribuiu para estreitar as relações entre Portugal e Brasil, o *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* introduziu, sob a direção de António Xavier Rodrigues Cordeiro, entre 1872 e 1932, algumas mudanças editoriais na coleção, como a criação da seção “elogio crítico-biográfico”, colocada no início de cada volume, e na qual era delineado o perfil humano e literário de escritores brasileiros e portugueses já falecidos, acompanhado dos respectivos retratos. Dentre os nomes que passaram a integrar esse panteão literário, Vania Pinheiro Chaves optou pelo estudo de três poetas do Romantismo brasileiro, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Castro Alves, cujos “elogios” foram analisados no artigo *Entre românticos: os “elogios biográficos” de Rodrigues Cordeiro a Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Castro Alves*. Herdeiro da tradição romântica, ainda em vigor

na crítica literária, na segunda metade do século XIX em Portugal, Rodrigues Cordeiro produziu uma crítica de fundo biográfico dos três poetas brasileiros, cujas vidas marcadas por sofrimentos e infortúnios repercutiam em suas obras, de onde são extraídas citações que vinham ao encontro da ideia de que a poesia é expressão de uma subjetividade sincera, o que confere ao poeta o perfil do “gênio martirizado”, na expressão de Vania Chaves.

Além da literatura, a música marcou presença nas edições do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* e do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, tema desenvolvido por Rui Nery, no artigo *Tópicos musicais no Almanaque de Lembranças*. Para dar conta de matéria tão extensa quanto variada, o pesquisador agrupou os textos publicados nos dois anuários em torno de grandes eixos temáticos, alguns dos quais: noções sobre instrumentos musicais e teoria da música, história da música ocidental e episódios biográficos sobre compositores e intérpretes, práticas musicais portuguesas e brasileiras e tradições musicais eruditas e populares. A partir destas balizas, Rui Nery ofereceu, em seu artigo, rico material ligado à música, publicado nos almanaques luso-brasileiros, que não se dirigiam à elite intelectual, mas a um novo público leitor, proveniente da pequena burguesia urbana, ávido por informação e entretenimento, e com larga circulação nos dois lados do Atlântico.

Decorridos vinte e quatro anos de circulação, desde que em 1872 o adjetivo “novo” foi adicionado ao *Almanaque de Lembranças*, uma nova seção foi criada, em 1896, com o título “Publicações Recebidas”, cujo objetivo era divulgar, no formato de resenhas, livros, jornais e revistas publicados no Brasil, Portugal e colônias da África. Interessadas em explorar esse território das publicações, veiculado num tipo de obra voltada ao entretenimento e aos conhecimentos úteis, as organizadoras deste dossiê resolvemos elaborar os artigos *A presença de escritores brasileiros na seção Publicações Recebidas do Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, de Silvia Maria Azevedo, e *Periódicos na seção Publicações Recebidas do Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro (Lisboa, 1896-1932)*, sob a responsabilidade de Tania Regina de Luca. No primeiro texto, parte-se da hipótese de que o reatamento das relações diplomáticas entre Portugal e Brasil, firmado em 16 de março de 1895, durante o governo de Prudente de Moraes, pode ter influenciado a criação da nova seção do anuário, contribuindo para estreitar os laços entre os dois países, rompidos com a Revolta da Armada (1891-1894). Nem por isso, autores portugueses e brasileiros receberam tratamento equânime nas “Publicações Recebidas”, quer porque as obras daqueles sempre foram em maior número do que as destes, quer pelo teor dos comentários do resenhista, mais informado acerca das publicações lusas do que das brasileiras, quer pelo desinteresse dos nossos escritores em enviar seus livros para o anuário luso-brasileiro. Além

disso, como observou Tania Regina de Luca, a seção não era estruturada de maneira criteriosa, a distribuição dos livros e periódicos obedecia muito mais às conveniências do diagramador e daquilo que chegava às mãos dos responsáveis pelo *Almanaque*. Enquanto a presença de livros de autores(as) brasileiros(as) sempre foi em muito menor número do que os dos portugueses, no caso dos periódicos a situação se inverte, a predominância do Brasil sendo inquestionável em relação a Portugal e colônias da África. Os gráficos cuidadosamente elaborados, que acompanham o artigo da pesquisadora, permitem que leitor tenha uma visão bastante clara acerca dos títulos de maior ocorrência na seção, a sua distribuição por região e estado e os títulos impressos em Portugal. Ao invés de dar por encerradas as reflexões, o texto aponta para os desafios a serem enfrentados por futuros pesquisadores, que venham a se interessar pelos periódicos noticiados na seção, muitos dos quais não figuram nas histórias da imprensa dos dois países.

A fidelidade de uma família gaúcha ao anuário luso-brasileiro orienta o texto de Beatriz Weigert, *A família Vieira no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, a reforçar o alcance e a valorização da publicação editada em Portugal, pela editora Parceria António Maria Pereira. João Damasceno Vieira Fernandes lidera a aderência dos Vieira à publicação luso-brasileira, posto que sua colaboração se estende desde 1870, quando estreia com um logogrifo, até 1910, percurso ao longo do qual sua produção se diversifica em poesia, narrativa, comentário biobibliográfico, num total de sessenta e seis textos. A participação de Anália Vieira do Nascimento, irmã de Damasceno Vieira, concentra-se na produção de textos em prosa (epístola, aconselhamento, confissão, homenagem), verso (sonetos, acrósticos) e passatempo (logogrifo, charada, enigma), o que evidencia a versatilidade da escritora em vários domínios de expressão escrita. Por fim, Arnaldo Damasceno Vieira, filho de Damasceno Vieira e sobrinho de Anália Vieira, publica no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, entre 1910 1911, treze poemas, em que predomina o soneto, gênero por meio do qual a voz do sujeito poético extravasava suas emoções.

A trajetória pelo espaço do anuário luso-brasileiro se encerra com o artigo de Marta Rodrigues, *Os passatempos do Novo Almanaque de Lembranças de 1920*, que se concentrou na “Seção Charadística” da edição de 1922. Recreação levada a sério tanto pelo responsável da coluna, José Leoni Palermo de Faria, quanto pelos colaboradores, estes deveriam seguir uma série de regras para que suas charadas, enigmas e logogrifos fossem aceitos e publicados na seção. Charadas na forma de sonetos, charadas metalinguísticas evidenciam o desafio intelectual proposto pelos autores, a requerer esforço considerável dos leitores na decifração desses passatempos. A correspondência trocada entre os colaboradores da seção, na forma de

duelos poéticos entre decifrador e decifrado, imprimiu caráter lúdico a essa modalidade de passatempo, que contou com expressiva participação feminina, cuja presença contribuiu para o sucesso da “Seção Charadística”, bem como para estreitar os laços entre Brasil e Portugal.

O diversificado conjunto reunido neste dossiê bem expressa a complexidade do gênero almanaque, que continua a capturar a atenção de leitores e de pesquisadores, contrariando o bordão que despreza a cultura difundida em suas páginas.

Sílvia Maria Azevedo (Unesp/Assis)
Tania Regina de Luca (Unesp/Assis)
Organizadoras